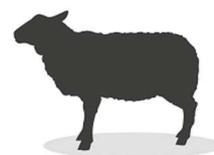




MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho

2010



A IGREJA CRISTÃ NA HISTÓRIA

ATÉ O SÉCULO XVI

Sumário

CAPÍTULO I	3
A igreja no I Século: Os primórdios	3
CAPÍTULO II	5
II Século - O desenvolvimento da igreja cristã: das perseguições externas aos conflitos internos	5
CAPÍTULO III	8
Século III – A consolidação da Igreja	8
CAPÍTULO 4	10
Século IV – uma igreja ecumênica e imperial.....	10
CAPÍTULO V	14
Século V – O Cisma da Igreja.....	14
CAPÍTULO VI.....	16
Século VI – Um período sem grandes novidades	16
CAPÍTULO VII.....	17
Século VII – Surgimento do Islamismo	17
CAPÍTULO VIII.....	18
Século VIII – A reação Cristã sobre o Islamismo	18
CAPÍTULO IX.....	19
Século IX – Fortalecimento da Igreja Ortodoxa e o avanço dos Vikings	19
CAPÍTULO X.....	20
Século X – A igreja entre quatro paredes	20
CAPÍTULO XI.....	21
Século XI – O grande Cisma da Igreja.....	21
CAPÍTULO XII.....	23
Século XII – As cruzadas e o Feudalismo. Tudo para maior glória de Deus	23
(Ad Majorie Dei Glorian)	23
CAPÍTULO XIII.....	24
Século XIII – As Cruzadas e a Ordem dos Mendicantes	24
CAPÍTULO XIV	25
Século XIV – As guerras e a Pré-Reforma	25
CAPÍTULO XV	26
Século XV – A corrupção da Igreja.....	26
CAPÍTULO XVI	27
Século XVI – A Reforma Protestante e a Contrarreforma	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29



CAPÍTULO I

A igreja no I Século: Os primórdios

O cenário do Novo Testamento deu-se numa região dominada pelo Império Romano que tivera dominado boa parte do mundo conhecido, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Enquanto neste o idioma mais comum era o Grego, naquele a língua predominante era o Latim. O Exército Romano da época “[...] tinha aproximadamente 300 mil homens, defendendo um império de cerca de 60 milhões de pessoas” (p. 23).

Apesar da resistência romana à fé cristã, tendo inclusive crucificado a Jesus Cristo por considera-lo um Zelote, e por consequência, uma ameaça à *Pax Romana*, o Evangelho em pouco tempo foi aceito nas regiões da Itália (tendo maior influência ao Sul), Grécia (ainda incipiente), Egito e Tunísia (com muita força), Síria, Ásia Menor e Macedônia. Outros povos também estavam sendo alcançados, como a Britânia, Índia, Gália, Armênia, Pérsia e mediações dos Rios Tigres e Eufrates.

Pouco se sabe da expansão do Cristianismo no Oriente, mas nessa época atribui-se ao Apóstolo Tomé a iniciativa de levar o Evangelho até a Índia entre os anos 50 e 60 d. C. Nesse percurso as regiões da Mesopotâmia e do Império Persa também foram alvo da sua pregação. Acredita-se que outros cristãos desse período também pregaram no Oriente.

O Cristianismo, a *priori* desacreditado por muitos, ao possuir “[...] um elevado padrão ético” em detrimento do paganismo que era “[...] desprovido de dogmas” (p. 29) tornou-se uma religião mundial devido à capilaridade dos seus fiéis. Mas isso não ocorreu de uma forma pacífica, pois no I Século ocorreram ao menos 02 grandes perseguições aos agora conhecidos como Cristãos. Os principais personagens dessas perseguições foram o Imperador Nero no período de 64 a 68 d.C. e o Imperador Domiciano nos anos 95 e 96 d. C. Do lado dos cristãos, conforme Ferreira (2013:35-37), Mateus foi morto à espada; Marcos foi arrastado até à morte; Lucas foi enforcado; Tiago foi decapitado; Filipe também foi enforcado; Bartolomeu foi esfolado vivo; André foi crucificado; Matias foi

apedrejado e decapitado; Barnabé foi apedrejado; Paulo foi decapitado; Pedro foi crucificado de cabeça para baixo; e João sobreviveu a um caldeirão de óleo quente, vivendo o resto da sua vida exilado na ilha de Patmos, conforme relatado no livro do Apocalipse. Por conta de tantas perseguições, “a igreja se viu obrigada a celebrar seus cultos em lugares improvisados [...] como as catacumbas de Roma” (p. 147).

CAPÍTULO II

II Século - O desenvolvimento da igreja cristã: das perseguições externas aos conflitos internos

Devido às perseguições que se avolumavam, foi necessário agir com discrição na forma de viver e de pregar. Os fiéis do II Século passaram a usar códigos em suas comunicações. Foi implantada a “Disciplina do segredo que fazia distinção entre os batizados e os não batizados” (p. 30). Não era aconselhável que a adoração fosse aberta a qualquer pessoa. Já nessa época o batismo não era mais um ato imediato à conversão, mas uma demonstração de distinção entre a vida de outrora e a que agora se propunha a viver. A Ceia e a confissão do Credo eram algo restrito.

Foi nessa época que se cunhou o termo “Pais da Igreja” a todo aquele que fosse responsável por uma congregação. O primeiro grupo ficou conhecido como “Pais apostólicos”. Pode-se destacar alguns deles, a saber: Clemente Romano, Policarpo de Esmirna, Pastor de Hermas, Barnabé e Inácio de Antioquia. Este último “[...] foi o primeiro a fazer distinção entre bispos e presbíteros, e a usar a expressão ‘igreja católica’” (p. 33).

A área pedagógica ficou conhecida como *Didaquê*, ou simplesmente, Ensino dos doze apóstolos. Buscava preparar o neófito sobre Santificação, Discernimento de profecias, Salvação e outros itens básicos da fé.

Em 135 d.C. um duro golpe a todos os judeus ocorreu quando Jerusalém foi destruída por Roma e ocorreu a grande diáspora daquele povo. Essa destruição corroborou os planos romanos contra os Hebreus demonstrada na destruição do templo no ano 70 d.C. Por conta dessa fuga, Antioquia substituiu Jerusalém no papel de principal local cristão da época. Além dela, duas outras cidades destacavam-se como centros cristãos: Alexandria e Roma.

Antioquia e Alexandria destacaram-se por suas escolas teológicas. Supõe-se que o Evangelista Marcos ou Panteno foram os responsáveis por evangelizarem o Egito. Atribui-se a Orígenes a liderança da Escola Catequética de Antioquia. Esta escola formou grandes pensadores como Clemente, Orígenes, Atanásio e Cirilo.



No entanto, essas duas escolas tinham posições antagônicas em alguns assuntos cruciais da fé. Conforme Amado (2014:14), “Alexandria tinha um método mais alegórico de interpretar as escrituras e Antioquia [...] aplicava as técnicas de crítica literária e erudição seculares à Bíblia”. Isso fazia com que os Antíocos reconhecessem a perfeita e completa humanidade de Cristo, diferindo-a da natureza divina; enquanto que os Alexandrinos pregavam a unicidade de Cristo.

Devido tanto antagonismo não era difícil de esperar que surgissem heresias no seio da igreja incipiente. Um dos principais movimentos nesse século foi o Gnosticismo que “[...] se caracterizava por professar uma combinação de todas as principais ideias religiosas de sua época” (p. 39). Criam que a salvação seria oriunda não só pelo conhecimento, mas também por processos mágicos que ascendia a humanidade aos céus. Deus não era soberano e a raça humana era totalmente desprezível. O estilo de vida dos gnósticos era contestável por seu legalismo recheado de libertinagem e grosseria.

A verdadeira igreja cristã posiciona-se contra essas seitas afirmando ser a Palavra de Deus a única que deveria ser reconhecida como base de fé. Afirmaram mais uma vez o Credo Apostólico que eles tinham como padrão de crença.

Marcião foi um personagem negativo de destaque nesse período. Opunha-se firmemente ao judaísmo e ao mundo natural. Após a sua exclusão da igreja em 144 d.C. ele cria um grupo conhecido como os Marcionitas. Sua Teologia muito pareceu com a dos Gnósticos. Ele fazia distinção entre o Deus do Antigo Testamento e o Pai de Jesus Cristo. O do AT era considerado um ser inferior, mas capaz de criar um mundo mal e condenar a humanidade ao castigo de habitá-la. Considerou o AT totalmente inútil e dispensável à fé cristã.

O Montanismo foi outra linha teológica da época que se opunha à tradição cristã. Fundada por Montano, Prisca e Maximila, pregavam que os “últimos dias” já estavam à porta e que era necessário inaugurar o “Milênio” literal e terrestre. Essas heresias chegaram até a Ásia Menor e o norte da África. Apesar de declararem uma regra de fé condizente com a tradição, eles foram

fortemente rejeitados por considerarem ter revelações maiores do que as expostas nas escrituras.

Frente a tantos posicionamentos heréticos, os Pais da Igreja partiram para o ataque redigindo a “Carta a Diogneto”. Esta carta foi um dos primeiros textos de cunho apologético. Destacam-se entre os apologistas: Justino de Roma, que declarava que “toda a verdade vem de Deus”; Irineu de Lião, que foi fortemente influenciado pelos escritos dos apóstolos João e Paulo; e Tertuliano de Cartago, que foi o primeiro grande teólogo latino (Ferreira, 2013:44).

Enquanto isso, o Império Romano torna o seu Imperador um líder incontestável do Estado. A sociedade romana agora era dividida entre os Patrícios, os Cavaleiros e os demais, contendo os Plebeus, Camponeses, Trabalhadores e Comerciantes.

A ideia do surgimento do Papado surgiu a partir do momento que o poder da igreja passou a ser administrado por apenas um dos bispos. Essa posição iniciou-se com Inácio de Antioquia sendo fortalecida posteriormente por Irineu de Lião que advogava a favor de uma sucessão apostólica. Cipriano de Cartago pregava que “[...] fora da igreja verdadeira não haveria salvação” (p. 107). Todos esses posicionamentos visavam, a princípio, fechar a igreja contra os pensamentos heréticos. Nos séculos seguintes, essas posições tomaram outras proporções até o modelo que conhecemos hoje.

CAPÍTULO III

Século III – A consolidação da Igreja

No III Século a igreja continuava a crescer. Acredita-se que até o final desse período, a quantidade de fiéis chegava a cerca de 10% de toda população romana.

O pensamento que ganhou força foi o Maniqueísmo. Mani foi o responsável pela criação dessa seita. Surgido na Pérsia, era uma religião totalmente independente. Considerava que os ensinamentos de Buda, Platão, Moisés e Jesus eram fragmentos da revelação divina e “[...] ensinava que por meio de si mesmo se daria a revelação plena” (p. 40). Eram ascetas, buscava uma religião que englobasse conceitos do Zoroastrismo, Budismo e Cristianismo, e afirmava que o Evangelho fora corrompido pelos apóstolos.

O Império Romano instaurou uma Ditadura Militar. O trono teve uma sucessão de imperadores que eram indicados pela Guarda Pretoriana. Destacaram-se Sétimo Severo, Caracala Heliogábalo e Alexandre Severo. O governo deles trouxe um aumento de arrecadação de impostos, dando cidadania romana a todos os súditos do Império.

Os cristãos nessa época começaram a receber benevolência por parte do Imperador Alexandre Severo. Um reflexo disso veio posteriormente com a ascensão ao trono de Filipe, o Árabe, que “[...] teria sido o primeiro imperador a ser batizado como cristão” (p. 52). Nesse século, os romanos sofreram grande derrota para os Persas em 260 d. C., recuperando sua posição através do Imperador Aureliano anos depois.

Na igreja, Eusébio de Cesaréia destacou-se como um dos Pais Apostólicos, sendo bispo da Palestina, sendo “[...] primeiro historiador da igreja [...] e firme apoiador do Imperador Constantino” (p. 56).

O império Romano foi dividido em Oriental e Ocidental pelo Imperador Diocleciano. Criou uma Tetrarquia com quatro imperadores, cada um sendo responsável por $\frac{1}{4}$ do Império. Por conta dessa estratégia, Roma perde a

posição de Capital do Estado, migrando para a cidade que fosse mais propícia para a situação do momento entre as 4 zonais.

A igreja nessa época estava sofrendo mais um ataque filosófico, dessa vez por Sabélio de Pentápolis. O Patripassianismo pregava que só poderia existir a Pessoa de Deus Pai, transformando-se em Filho ou Espírito Santo, sendo impossível a existência de 03 pessoas eternamente. O próprio bispo de Antioquia, Paulo de Samósata, trouxe uma heresia, a saber, o Adocionismo. Para ele, Jesus era um homem que foi revestido pelo poder divino, não sendo, portanto, um Deus. Influenciado por esse pensamento, Ário, presbítero de Alexandria, fundou o Arianismo pregando que “[...] Cristo era apenas uma criatura, e não o Eterno Filho de Deus” (p. 67).

Conforme Amado (2013), o termo Metropolitano foi cunhado para designar aqueles que se reuniam questões importantes. Os bispos das regiões já tinham esse hábito e ocorriam principalmente em Antioquia e Alexandria. Esse modelo veio a se fortalecer no século seguinte com os Concílios, e o destaque de principais cidades deu origem anos depois aos Patriarcados.

CAPÍTULO 4

Século IV – uma igreja ecumênica e imperial

Com a chegada de Constantino ao trono romano, o Império teve uma restauração surpreendente, atribuindo-se principalmente a adoção do Cristianismo como religião oficial em detrimento do Paganismo. Através do Edito de Milão em 313 d.C. adotou-se a tolerância ao Cristianismo e em 324 d.C. a capital do Império passou a ser em Bizâncio, passando a ser conhecido como Império Bizantino. Em 330 d.C. Constantinopla torna-se a “nova Roma”. A igreja que até então era forçada a congregar escondida em catacumbas agora passou a se reunir abertamente. O próprio Imperador Constantino “[...] presenteou os cristãos com a construção de igrejas chamadas Basílicas” (p. 147).

Buscando resolver as questões teológicas e abafar as heresias, Constantino convoca o Concílio de Nicéia em 325 d.C. Essas mudanças propostas pelo Imperador deram um novo rumo ao Cristianismo.

O século IV tem um papel ecumênico para igreja. Nesse contexto, entenda-se Ecumenismo como diferentes tradições dentro de uma mesma religião. Aparece com muita força a Igreja Ortodoxa Grega, que incluía todas as igrejas que usava o grego como língua oficial nas suas liturgias.

O próprio Imperador Constantino presidiu o Concílio de Nicéia, contando “[...] com a presença de bispos de toda as partes do mundo romano” (Amado, 2013:18). Um dos principais motivos dessa reunião foi discutir o Arianismo, que muito se parece com a Teologia dos Testemunhas de Jeová atualmente. Determinou-se que “[...] Jesus é Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas” (Amado, 2013:19).

Esse Concílio foi presidido por Óssio de Córdoba, um dos homens de confiança do Imperador. Ratificaram a Doutrina da Trindade. Nessa época, o termo “católico” não se referia à igreja romana, mas tinha um sentido de ortodoxia.

Nesse Concílio também foi determinado que Antioquia, Roma e Alexandria fossem considerados Patriarcados, o que anos depois se expandiu para Constantinopla e Jerusalém.

No ano de 367 d.C. os livros constantes no Novo Testamento foram considerados Canônicos, através da Carta de Páscoa escrita por Atanásio.

Em 381 d.C. foi convocado o Concílio de Constantinopla, dessa vez pelo Imperador Teodósio. A controvérsia Ariana ainda não estava resolvida. Deu-se ênfase à pessoa de Jesus e do Espírito Santo. Nesse Concílio, “Constantinopla recebeu o segundo lugar de honra entre os patriarcados, depois de Roma e acima de Alexandria” (Amado, 2013:20).

Nesse período surgiram os estilos de vida Monástica e Ascética. Enquanto o Eremita é aquele asceta que busca uma vida de solidão no deserto, o Monasticismo se caracteriza por uma vida simples em comunidade. Muitos cristãos tomaram a decisão de seguir esses estilos de vida com medo de serem tentados com a facilidade que viveriam sob a liberdade que o Império dava para eles. O Século IV foi marcado por um grande número de cristãos que foram viver no deserto. Antônio foi considerado o fundador desse movimento, que ficou conhecido como Anacoretas ou Eremitas.

O Monasticismo foi o “[...] desejo de alguns homens e mulheres de levar uma vida solitária com o objetivo de amar mais a Deus” (p. 79). Alguns cristãos que adotaram essa vida foram: Orígenes, Cipriano, Tertuliano, Jerônimo de Strídon e Agostinho de Hipona. Nessa época fundaram alguns Monastérios, conhecido como Movimento Cenobita, os cristãos: Pacômio, em 323 d.C.; Basílio de Cesaréia, em 358 d.C.; e Martinho de Tours, em 371 d.C. Os Monges tornaram-se grandes teólogos, missionários, dedicados ao ensino e preservaram muitos livros antigos.

Os Cristãos passaram a ter uma vida mais tranquila após o Edito de Tolerância em 311 d.C. No entanto, continuaram sendo perseguidos pelos Persas, sendo massacrados em 337 d.C. Os Bárbaros também os perseguiram por considera-los espiões de Roma.



Entre os cristãos gregos, existia um grupo conhecido como “Os Pais da Capadócia”. Destacam-se:

- ✓ Basílio de Cesaréia – Afirmava que “Deus existe como uma essência em três pessoas. Promoveu o ideal ascético e fundou um leprosário” (p. 57);
- ✓ Gregório de Nissa – Tratando sobre a Trindade enfatizou que “[...] os que fazem as mesmas coisas têm a mesma natureza” (p. 58);
- ✓ Gregório de Nazianzo – Atestou que “o Pai é sem origem, o Filho é eternamente gerado, o Espírito Santo procede do Pai” (p. 58).

Constantino que reinava no Ocidente ao mesmo tempo que Licínio reinava no Oriente tiveram uma discordância teológica. Para este, era necessário oferecer sacrifícios aos deuses se quisesse se tornar um servo do Império; já para Constantino, isso era uma afronta ao Cristianismo. Numa guerra entre ambos, em 314 d.C. Constantino vence, toma posse do Oriente e considera Constantinopla capital de todo o Império.

A hegemonia romana começa a sofrer prejuízo após a morte do Imperador Constantino. Seus filhos Constante e Constâncio II dividiram o Império e geraram uma guerra civil. Este venceu a guerra e tornou-se o único Imperador, sendo sucedido após sua morte por Juliano, o apóstata, que tentou trazer o Paganismo de volta ao comando espiritual. Seu plano não foi adiante devido sua morte prematura. No entanto, deixou reflexos para toda a sociedade.

Conforme Ferreira (2013:72),

“Atribuiu-se ao Imperador a responsabilidade de regular a doutrina, a disciplina e a organização da sociedade cristã, estabelecendo um padrão que duraria até o começo da Idade Média, no Ocidente, e até o fim dela, no Oriente”.

A igreja passou a ser um local para os ricos em detrimento dos pobres; ensinou-se que a riqueza era uma prova da Graça Divina; o clero tornou-se aristocrata assim como o Império; a liderança passou a ser mais episcopal e

monárquica; a Escatologia assumiu uma posição Amilenista em detrimento ao Pré-milenismo dominante à época.

Destacaram-se como Pais Gregos da Igreja nessa época o Eusébio de Cesaréia, que era um firme apoiador de Constantino; e João Crisóstomo, Patriarca de Constantinopla. Ele foi “[...] um dos principais expoentes da hermenêutica da escola de Antioquia que enfatizava o sentido literal do texto” (p. 56).

Dentre os Pais Latinos destacaram-se: Hilário de Poitiers, Ambrósio de Milão (grande influenciador na conversão de Agostinho), Jerônimo de Strídon e Agostinho de Hipona.

CAPÍTULO V

Século V – O Cisma da Igreja

Na igreja, havia divergência entre os Pais Gregos e os Pais Latinos concernente à Salvação. Para os Gregos, o ser humano tem papel fundamental no processo de salvação individual. Eles “consideravam que o homem opera o começo de sua salvação, para, depois, Deus cooperar com a Graça” (p. 75). Para os Latinos, era o inverso. “Eles enfatizavam que Deus começaria a obra e, depois, o homem cooperaria com sua vontade, ressaltando com veemência a obra da Graça, ainda que não exclusiva” (p. 75).

Foi Pelágio que levantou a primeira discussão sobre Eleição e Predestinação. Segundo ele, “não haveria a necessidade de alguma Graça especial de Deus, pois esta era algo que estaria presente em todos os lugares e em todo o momento” (p.75). Esta posição foi fortemente discordada por Agostinho que pregava que apesar de ainda existir o livre arbítrio, a humanidade não tinha mais controle sobre sua vontade. A Graça de Deus é algo irresistível ao ser humano e que “o próprio Deus dá o dom da perseverança aos eleitos, para os conduzir à glorificação” (p. 75).

O Pelagianismo foi duramente combatido pela Igreja, sendo refutada nos Concílios de de Cártago e Éfeso, e depois no Sínodo de Orange. Esta resistência se manteve a morte de Agostinho, pois após isso a igreja encontrou um meio termo para conciliar as opiniões.

Nesse século ocorreram dois grandes cismas na igreja, e por conta disso alguns creem que foi nessa época que surgiram as igrejas Ortodoxas Orientais. No entanto, já existem relatos delas existirem antes desses episódios. Nestório, Bispo de Constantinopla, e Cirilo, Bispo de Alexandria, foram peças fundamentais nesse rompimento.

Para Nestório, Cristo era como duas pessoas, vinculadas a Deus por uma forma comum, e que Maria não seria Mãe de Deus, como acreditavam à época. No máximo, poderiam considera-la mãe carnal de Jesus. Para Cirilo, “a unidade da pessoa de Cristo em vez da diversidade de sua humanidade e divindade” (Amado, 2013:22).



O Concílio de Éfeso considerou a posição de Nestório herética, criando um rompimento na igreja. A partir desse momento, a igreja do Oriente não reconheceu a decisão desse Concílio, vindo a ser chamada posteriormente de Igreja Nestoriana, cuja língua principal era a Siríaca, atuando principalmente nas fronteiras do Império Persa.

Posições como a de Apolinário, Nestório e Êutico (criador do Monofisismo), fizeram que fosse convocado pelo Imperador Marciano, do Oriente, o Concílio de Calcedônia com o intuito de encerrar com as diversas controvérsias existentes. As decisões tomadas nessa reunião trouxeram uma união à igreja, afirmando que o Verbo se fez carne, tornando-se um padrão cristão ortodoxo. Jerusalém foi definitivamente reconhecida como o quinto Patriarcado.

No campo político a briga também estava ferrenha. Apesar de Roma não ser mais a capital do Império, o impacto causado pela invasão que os Bárbaros fizeram a ela trouxe um abalo aos romanos. Isso desencadeou ataques Bárbaros por vários locais da Europa e o poder romano foi desmoronado no Ocidente. O papel dos Imperadores era apenas figurativo e Odacro tornou-se o primeiro Imperador Bárbaro a reinar em Roma.

Essa nova situação de perda de poder e autoridade dos Imperadores romanos fez com que a ideia de um papado ganhasse força e dominou grande parte da Europa na Idade Média.

CAPÍTULO VI

Século VI – Um período sem grandes novidades

Nesse século foi convocado o II Concílio de Constantinopla pelo imperador Bizantino Justiniano buscando desfazer o mal causado pelo Monofisismo. Participaram bispos da África e não houve participação da Itália,

No campo Missionário, destacou-se o Monge Columba, conhecido como o “Apóstolo da Escócia”, por ter criado um mosteiro com a finalidade de evangelizar os Bárbaros. Em 597 d.C. o Monge Beneditino Agostinho de Cantuária foi enviado a evangelizar os ingleses, sendo considerado o Pai da Igreja naquela localidade.

Os templos cristãos nessa época mudaram o seu formato, passando a possuir um modelo quadrado compacto.

CAPÍTULO VII

Século VII – Surgimento do Islamismo

Nesse século destaca-se o fato da realização do III Concílio de Constantinopla, com 300 participantes, inclusive de Roma. Uma das principais decisões foi condenar o Monotelismo que argumentava que Jesus só possuía uma vontade, a divina.

Enquanto os cristãos continuavam discutindo assuntos recorrentes, uma nova força teológica e militar vai tomando força: os Muçulmanos. “Quinze anos depois da morte de Maomé em 632 d.C. os exércitos árabes conquistaram a Síria, a Palestina e o Egito” (Amado, 2013:30).

Nessa época os Impérios Bizantino e Persa travavam uma guerra entre si. Desta forma, foi fácil para Árabes conquistarem esses territórios, uma vez que ambos os exércitos estavam desgastados e fragilizados. O ideal do Islã de participação no mundo estava cada vez mais perto de se concretizar.

Sob o olhar atônito do mundo, o Cristianismo também foi fortemente atingido pela ação muçulmana, uma vez que com essa investida três dos Patriarcados, a saber: Alexandria, Antioquia e Jerusalém, foram tomados pelos Árabes.

O cristianismo que tinha participação na região da África, com expoentes como Tertuliano, Clemente, Cipriano, Orígenes, Agostinho e Atanásio, foram praticamente expulsos desse território pelos muçulmanos. É interessante perceber que esses povos, cristãos e Árabes, viveram numa mesma região durante muitos anos, mas a negligência cristã na evangelização desse povo fez com que agora eles fossem submissos ao poder bélico daquele povo.

CAPÍTULO VIII

Século VIII – A reação Cristã sobre o Islamismo

Ocorreu em 787 d.C. o II Concílio de Nicéia convocado por Irene, mãe do Imperador Bizantino Constantino VI. Desta vez, o alvo foi a controvérsia Iconoclasta e a aprovação da veneração aos ícones, como uma forma de recuperar a aliança com a igreja do Ocidente. Nessa época o Cristianismo consolidou-se na Europa. Em 732 d.C. Carlos Martel derrotou os muçulmanos em Poitiers. Os muçulmanos já haviam sido derrotados em 722 d.C. por Pelágio na disputa pela Península Ibérica. A derrota total dos Muçulmanos ainda demoraria 7 séculos para ocorrer, mas foi o suficiente para barrar a expansão dos Árabes na Europa Ocidental.

Destacou-se nesse período além de Carlos Martel, o seu filho Pepino, o Breve, e principalmente Carlos Magno. Através da sua aliança com o Papa Leão III, Carlos Magno foi coroado Imperador em Roma, em pleno Natal de 800 d.C. e a Idade Média Ocidental toma corpo. A partir desse momento, percebe-se a resistência Imperial em ser subordinado ao Papado.

Foi um período onde o ensino passou a ser dominado pelo clero, institucionalizando a fé cristã. A liturgia e a teologia foram devidamente articuladas. “O Cristianismo Ocidental deixou de ser uma fé Mediterrânea e voltada para o Oriente para ser uma fé europeia e voltada para o Norte! (p.89).

Bonifácio desempenhou papel importante na evangelização dos povos da Frísia e Germânia, e passou a ser conhecido como o “apóstolo dos Germanos”. Tornou-se o missionário mais ativo e bem-sucedido entre os povos daquela região.



CAPÍTULO IX

Século IX – Fortalecimento da Igreja Ortodoxa e o avanço dos Vikings

A conversão do povo eslavo ao Cristianismo foi de suma importância para o fortalecimento da Igreja Ortodoxa, abalada com a coroação do Carlos Magno como Imperador do Ocidente. A estratégia de flexibilização do uso da língua local para o evangelismo foi muito bem aceita pelos povos eslavos. A Bíblia e outros escritos foram traduzidos para a língua natal desse povo.

No campo Teológico destacaram-se teólogos como Rábano Mauro, Hincmaro de Reims, Gotescalco, Pascásio Radberto e Ratramno de Corbie. Um dos pontos mais debatidos era sobre a ceia. Alguns apoiavam a Transubstanciação, enquanto outros a Consubstanciação. “De qualquer forma, a Teologia desse período formou a base para os desenvolvimentos posteriores através da preservação da herança da era patrística e dos escritos da Antiguidade Clássica” (p. 97).

Nesse século os Mosteiros e as Vilas passaram a ser fortemente atacadas pelos Vikings. Esses guerreiros venceram batalhas contra os muçulmanos, mas não conseguiram alcançar Roma. Mais do que devastar esses locais, os Vikings buscavam lucrar com essas terras, explorando-as. Chegaram até mesmo a criarem algumas cidades, a exemplo de Dublin e Limerick.

CAPÍTULO X

Século X – A igreja entre quatro paredes

O Rei Franco Carlos III, o Simples, através de um acordo com o líder Viking Rollo, abriu as portas para que o evangelho fosse propagado na região da Normandia. Os Normandos, ou “Homens do Norte”, converteram-se ao Cristianismo e adotaram a língua dos Francos.

Entre os Papas, Oto I foi consagrado como João XII e considerado o pior Papa da história. Nesse mesmo século, o evangelho chegou aos húngaros, levando muitos a se converterem ao Cristianismo.

No período de 900 a 1050 d.C. “surgiram centros de reforma contra os abusos e a corrupção, como o Mosteiro da Clúnia na França. Tais centros oferecem uma nova liderança para a igreja, com vários papas reformadores” (p. 109).

Nesse mosteiro, o Duque Guilherme I da Aquitânia criou a Ordem Cluniacense. Vários papas da Ordem Beneditina foram oriundos desse mosteiro. Tinham por princípio: “o celibato, a obediência ao abade e ao papa, a pobreza, a oração e a leitura das escrituras. O governo dos mosteiros era centralizado” (p. 85).

“A partir do século X, predominou a arquitetura românica nas igrejas de peregrinação e paroquiais, abadias, monásticas e catedrais. [...] com a introdução de bancos, a congregação passou a sentar-se durante o culto” (p. 148-49).

CAPÍTULO XI

Século XI – O grande Cisma da Igreja

O Século XI é considerado o período do Grande Cisma. A relação entre a Igreja Ortodoxa Grega em Constantinopla e a Igreja Latina estava cada vez mais desgastada. O resultado foi uma ação conjunta de excomunhão de ambas as partes.

A relação da igreja do Ocidente com o Imperador Carlos Magno anos atrás, somado ao fato do Grego deixar de ser a língua oficial, sendo suplantado pelo Latim, fizeram com que a Igreja Oriental ficasse desconfiada. Não demorou muito para o jogo de interesses e disputas teológicas chegassem ao estopim da divergência. A igreja romana queria se tornar soberana sobre toda a igreja. Naturalmente que a igreja Ortodoxa Oriental não aceitaria ser suplantada pela romana. O Papa acreditava que sua autoridade deveria ser estendida também ao Oriente.

O jogo de vaidade entre os Patriarcados levou ao iminente rompimento entre os líderes das igrejas. Uma igreja levou a excomunhão a outra igreja, ficando o Papa como líder da Igreja do Ocidente e o Patriarca como líder da Igreja do Oriente. Na época, o Papa era Leão IX e o Patriarca era Miguel I, Cerulário.

Os papas que se destacaram nesse século foram: Leão IX, que promoveu o celibato do clero; Hildebrando da Toscana, que buscou unificar a cristandade; Urbano II, que “[...] convocou a Primeira Cruzada visando reconquistar Jerusalém, que fora conquistada pelos muçulmanos” (p. 109); e Inocêncio III, que decretou a Inquisição e a Transubstanciação.

Nesse século, devido à queda de Constantinopla, a sede da Igreja foi transferida para a Rússia.

Com a intenção de recuperar a cidade de Jerusalém das mãos dos muçulmanos, começou a funcionar as Cruzadas, que eram incursões militares promovidas pela Cristandade Ocidental. “Os cavaleiros cristãos ficaram conhecidos como cruzados em virtude de se identificarem pelo símbolo da cruz



bordado em suas vestes” (p. 119). Ocorreram um total de 10 cruzadas, sob o pretexto que os que delas participassem receberiam indulgência sobre seus atos.

A partir desse século começaram a surgir Universidades por toda a Europa. O principal objetivo era o ensino do *Trivium* (Gramática, Retórica e Lógica) e do *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música). Após a conclusão dessas matérias poderiam estudar Direito, Medicina ou Teologia.

A Teologia Escolástica se difundiu nesse século. Os principais expoentes foram: Anselmo, Hugo, Pedro Abelardo e Pedro Lombardo. O objetivo da Escolástica era:

“[...] unir ideias dos escritos filosóficos gregos e das Escrituras, dos textos dos Pais da Igreja e de outras obras Cristãs dos primórdios do período medieval, com a finalidade de formar um sistema doutrinário claro e definitivo” (p. 125).

Nessa época também se intensificou o movimento místico, tendo seus principais representantes Hildegarda de Bingen, Elredo de Rievaulx, Mestre Eckhart, Walter Hilton, Juliana de Norwich, Catarina de Siena, dentre outros.

CAPÍTULO XII

Século XII – As cruzadas e o Feudalismo. Tudo para maior glória de Deus

(Ad Majorie Dei Glorian)

A primeira cruzada desse século ocorreu entre 1147 – 1149 convocada pelo Papa Eugênio III buscando rever o Condado de Edessa. Não foi uma cruzada bem-sucedida.

As batalhas entre cristãos e muçulmanos se intensificaram, sobretudo visando libertar Jerusalém do domínio do Islã. A conquista ocorreu em 1187 d. C. depois de um cerco à cidade e dois dias de grande massacre, onde cerca de 40 mil pessoas morreram.

As cruzadas continuaram existindo durante muitos anos, e fizeram com que as relações entre esses dois povos fossem desfeitas chegando até os dias atuais.

Nesse século as controvérsias entre a França e Inglaterra também se intensificavam, o que fez que nos séculos seguintes fosse decretada a Guerra dos Cem Anos. Também a atividade de Cavalaria era bastante respeitada e cobiçada. Países como a Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Alemanha e Itália chegaram a quase idolatrar essa atividade, criando jogos dessa modalidade, criando um culto à Cavalaria. O cavaleiro era leal e obediente aos seus senhores feudais e ao Rei.

O sistema Feudal estava estabelecido e tinha “[...] reis, nobres e sacerdotes eclesiásticos no topo da sociedade” (p. 104).

Existiam 03 Ordens Militares Monásticas, a saber:

- ✓ Ordem dos Hospitalários, ou Ordem de São João de Jerusalém;
- ✓ Ordem dos Templários, ou Cavaleiros Templários;
- ✓ Ordem dos Cavaleiros Teutônicos.



CAPÍTULO XIII

Século XIII – As Cruzadas e a Ordem dos Mendicantes

Através do Papa Inocêncio III chega ao ápice o poder papal. Ele organizou as Ordens Mendicantes; realizou o IV Concílio de Latrão onde promulgou a Transubstanciação e a Inquisição. Abriu ainda escolas aos pobres nas catedrais.

“Nesse período, os papas lutaram contra a intromissão das monarquias europeias nas nomeações de bispos, abades e dos próprios papas, tentando restaurar a disciplina eclesiástica” (p. 109).

Entre as Ordens Mendicantes da Idade Média, pode-se destacar:

- ✓ Os Franciscanos, fundada por Francisco de Assis em 1210. Ele abandonou todo luxo por amor à Cristo. Possuía uma regra própria e era um povo bastante caridoso, ao ponto de sacrificarem suas vidas em prol do povo durante o período da Peste Negra.
- ✓ Os Dominicanos, fundada por Domingos Gusmão em 1216. Destaca-se Tomás de Aquino e pregavam a Ortodoxia visando refutar a heresia. Davam ênfase a austeridade, a castidade, obediência papal, culto na língua nativa do povo e profundo conhecimento teológico. Foram atuantes na Inquisição.

Ocorreram várias cruzadas nesse século. A Quarta Cruzada conquistou Constantinopla em 1204, aumentando a distância entre cristãos Latinos e Gregos. Ocorreram cruzadas até a oitava, além da Cruzada das Crianças e dos Heréticos.

CAPÍTULO XIV

Século XIV – As guerras e a Pré-Reforma

No meio de uma frieza espiritual que muitos alegavam ser decorrente do Escolasticismo, surgiram movimentos místicos buscando avivar a igreja. “As ênfases principais dos místicos medievais eram o amor a Deus e ao próximo, a prática das virtudes cristãs e a união mística com Cristo por meio da negação de si mesmo ou por meio de revelações especiais” (p. 128). Destacaram-se: Walter Hilton, Juliana de Norwich, Catarina de Siena, João Tauler e Tomás de Kempis.

Foi o século da Guerra de Cem Anos entre a França e a Inglaterra. No início era clara a superioridade inglesa, mas devido à Peste Negra que durou 10 anos a guerra foi interrompida. Mesmo tendo sofrido uma derrota, anos mais tarde a França conseguiu se reorganizar e a luta se ampliou chegando até a Espanha.

Numa outra Guerra, Portugal tenta manter sua independência. Correndo o risco de perder seu domínio para a Espanha, Portugal alia-se a Inglaterra para que no século seguinte possa enfim ser considerado um país independente.

Esse século também foi um preparativo para a Reforma Protestante no século posterior. Atitudes como a do Papa Bonifácio VIII atribuindo ao papado o poder de salvação e toda autoridade espiritual e temporal fizeram com que se irrompesse o descontentamento da parte de muitos. O Rei francês foi o primeiro a se manifestar contra esse autoritarismo e sequestrou o Papa, levando a administração eclesiástica para aquele país e foi escolhido um Papa francês. A capital cristã ficou na França até 1377 quando o Papa Gregório XI retornou o comando para Roma.

A igreja do Ocidente também teve um cisma interno no governo do Papa Urbano VI em 1378, que só veio a terminar no ano de 1417. Durante esse período, os países que compunham o Ocidente se dividiram e muitos reformadores, a exemplo de João Huss, foram condenados à fogueira. Intensificava-se o desejo por uma Reforma na Igreja, buscando eliminar o governo corrompido dos Papas por um governo regido pela autoridade bíblica.

CAPÍTULO XV

Século XV – A corrupção da Igreja

Nesse período surgem muitos nomes importantes para a História. Na França, destaca-se Joana D'Arc no período que o país estava dividido em dois reinos: o do Norte e o do Sul. Joana D'Arc crendo ter sido escolhida por Deus para libertar a França do ataque Inglês, monta um exército com pessoas do povo e vence a Batalha de Orleans em 1429. A partir daí os ingleses foram expulsos do território francês e deu-se início ao Absolutismo.

No meio religioso, o papado volta o seu interesse para a corrupção e ao poder político. As indulgências ganharam força num ambiente onde o medo da morte e da vida futura eram intensas. Para poder garantir um lugar melhor pós morte, foi oferecido a venda de benefícios ainda em vida. Personagens como Paulo II e Inocêncio VIII tiveram péssimos exemplos de vida, e com a riqueza que conquistaram com as indulgências construíram a Basílica de São Pedro em Roma, além de enriquecer ainda mais o clero em detrimento do povo que se tornava cada dia mais pobre.

A Inquisição ganhou força nesse século para punir a todos que se opusessem às leis católicas. Estavam condenados a essa punição os hereges, os judeus, os feiticeiros, os imorais e blasfemos.

Enquanto isso, em 1453, Constantinopla era derrotada pelo Muçulmanos, causando grande impacto no Ocidente. Como todas as nações estavam com seu poder bélico comprometido, não se pode organizar uma cruzada com a finalidade de reconquistar aquela cidade naquele momento.

Nesse século também foi considerado a “Era dos descobrimentos”. Portugueses e Espanhóis aproveitavam sua privilegiada posição geográfica para despontar nas conquistas de novas terras.

Com o surgimento da Renascença, assinalando o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna, valores culturais foram retomados e a criação da imprensa por Gutemberg “[...] possibilitou a cópia e a divulgação das Escrituras e dos textos programáticos da Reforma com maior rapidez” (p. 158).



CAPÍTULO XVI

Século XVI – A Reforma Protestante e a Contrarreforma

Após a queda de Constantinopla, o Patriarca de Constantinopla Cirilo Lucaris por ser considerado um herege calvinista foi deposto e assassinado. Também foi acusado de tentar reformar as Igrejas do Oriente.

A Inquisição continuava sua expansão. Agora estava implantada em Portugal, estendendo-se ao Brasil e a Itália. Milhares de pessoas foram mortas “em nome de Deus”. Enquanto isso, os descobrimentos territoriais continuavam acontecendo em direção às Américas e a África.

Nesse contexto turbulento, movimentos como o iniciado por João Huss no século anterior foram se fortalecendo e surgiram novos ícones que se levantaram contra a imposição católica. O primeiro nome desse século a se tornar famoso saiu do próprio seio do catolicismo. Martinho Lutero indignado com as afrontas que o Catolicismo fazia frente a Revelação das Escrituras, começou a pregar contra práticas como a venda de indulgência. Manifestou-se publicamente contra esses atos publicando as 95 teses contrárias a esses costumes, afixando-as às portas do Castelo de Wittenberg. “Em 10 de dezembro de 1520, Lutero queimou os livros de Direito Canônico e a Bula Papal que o ameaçava de excomunhão” (p. 161).

João Calvino “pertenceu à segunda geração da Reforma” (p. 165). Nesse período, Lutero e Zuinglio (outro reformista) haviam se separado devido discordâncias em alguns temas da fé. Calvino foi um instrumento que internacionalizou a fé evangélica. Ele foi um ferrenho defensor de se aceitar somente a escritura como base de fé. Estima-se que até meados desse século já existiam em torno de 142 missionários reformistas.

A Reforma foi se fortalecendo ao ponto de chegar a um modelo considerado de Reforma Radical, ou Reforma Anabatista. Uma das oposições trazidas por esse novo grupo foi o batismo infantil por considerarem ineficaz. Os Anabatistas eram divididos em:

- ✓ Escatológicos ou Espiritualistas, muito inclinados ao misticismo;



- ✓ Evangélicos, que enfatizavam o discipulado e a autoridade da Bíblia;
- ✓ Racionalistas, que negavam a divindade de Cristo, a Trindade, a Predestinação e o pecado original.

Na Inglaterra surgiu a Reforma que deu origem ao Anglicanismo. Neste caso, o rompimento com a Igreja Romana se deveu a um caso extraconjugal entre o Rei Inglês Henrique VIII e Ana Boleña devido sua esposa não ter lhe dado um filho e sim uma filha. Como o Papa não concedeu o divórcio do Rei com sua esposa Catarina de Aragão, os laços entre os reinos foram rompidos e se auto proclamou o Líder da Igreja Inglesa. Assim ele pode anular seu próprio casamento e castigou a todos que se opuseram a ele. Passou a dominar os mosteiros do seu reino e teve ainda outras 04 esposas. Apesar do rompimento com Roma, suas atitudes seguiram os costumes católicos até a sua morte. Após sua morte, a fé reformada teve acesso ao povo inglês.

A filha de Ana Boleña ao ascender ao trono foi contra muitas atitudes que se realiza na Inglaterra. Ela “[...] não simpatizava com as compreensões eclesiais e políticas dos reformados” (p. 179). Assim, ele decidiu dar um formato definitivo ao Anglicanismo. A partir daí deu-se início ao movimento Puritano por considerarem que as mudanças propostas às igrejas faziam apenas que elas mudassem superficialmente, sendo necessário uma mudança mais profunda.

A Igreja Católica Romana não ficou inerte ao movimento reformista. O Papa Paulo IV fez algumas mudanças internas, mas não aceitou as ideias reformistas. A partir daí deu-se início a Contrarreforma.

A criação da Companhia de Jesus fundada por Inácio de Loyola fez surgir os Jesuítas. Eles advogavam pelo “[...] voto de pobreza, castidade e obediência radical ao papa; e seus principais objetivos eram educação, combate ao movimento protestante e missões estrangeiras” (p. 175).

Através do Concílio de Trento afirmaram a justificação por obras e pela Graça divina, bem como o batismo infantil para se exterminar o pecado original na criança. Elaborou-se os sacramentos católicos e reduziu-se “[...] os abusos ligados às indulgências” (p. 175). Iniciou-se Movimentos de Renovação dentro da igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história**: das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida nova, 2013.